

SANGUE DERRAMADO SOMA-SE AO SANGUE DERRAMADO

Uma leitura de Oséias 4,1-3

*Shigeyuki Nakanose
Maria Antônia Marques**

* Professores de Sagrada Escritura no ITESP, Faculdade Dehoniana e Centro Bíblico Verbo.

Resumo:

Os a.a. descrevem inicialmente a situação harmoniosa das comunidades rurais do Reino do Norte do tempo de Oséias. Dadas as mudanças políticas, econômicas e religiosas ocorridas, Oséias apresenta-se como profeta com uma linguagem de julgamento onde a violência de todo o tipo é denunciada. Com a finalidade de denunciar a situação dramática dos pobres usa a expressão sangue derramado para referir-se à exploração e à morte dos inocentes dentro do âmbito da aliança entre sacerdotes, comércio e tirania do Estado (Assíria) que se concretizam nas guerras e na devastação dos campos. Os procedimentos dos mandatários da Assíria e seus efeitos concretos são descritos no que diz respeito aos Reinos do Norte e à Judá. É numa situação de grande desespero que aparece a denúncia da comunidade de Oséias como um grito pela busca de paz, harmonia e solidariedade: um retorno à harmonia original.

Palavras-chave: Oséias; Israel; Assíria; Reino do Norte.

Abstract:

Nakanose and Marques start by describing a harmonic situation of the countryside communities of the Israel reign at time of Hosea. A lot of political, economic and religious changes are at way at this time and Hosea presents himself as prophet using a judgment language as speech alongside denouncing the violence.

Having this in mind, he uses the words bloodshed when he describes the exploited innocents in the realm of the net of relationship of the Priests (Temple), international trade and the State tyranny (Assyria) whose faces are the wars and the devastated plantations. Nakanose and Marques describe also the effects of the behavior of the men in power of the North Reign and Judah. It's a hopelessness situation that appears via the denouncing words of the Hosea's community. It's a cry looking for peace, harmony and solidarity; exit are in the way back to the primeval harmony and its values.

Key-words: *Hosea; Israel; Assyria; North Reign.*

Entre 2004 e 2005, na reserva indígena de Dourados, 16 crianças indígenas morreram de desnutrição. Nessa mesma reserva, em 2004, havia 237 crianças desnutridas e 357 abaixo do peso considerado normal. Os indígenas reclamam que não há terra para plantar nem há caça, até mesmo a água está difícil, pois a maioria dos poços contém água contaminada. Conseqüentemente, o alcoolismo e o crescente número de suicídios atingem os indígenas dessa região. A destruição da natureza está acabando com a vida das pessoas.

Por sua vez, pessoas comprometidas com a defesa da natureza e com a vida ameaçada são eliminadas, como no caso do assassinato da irmã Dorothy, assassinada no dia 12 de fevereiro de 2005, às 9 horas, em Anapu, no Pará. No dia anterior, ela ligou para seu irmão nos Estados Unidos e lhe disse: *Vou descer para apoiar as pessoas que tiveram suas casas e suas colheitas queimadas. Os filhos delas estão na estrada. Vivemos em meio a muito sofrimento e injustiça: devastação da natureza, fome, miséria, falta de terra, de emprego, de moradia, de saúde e de educação. O número dos sem-terras e dos moradores de rua aumenta dia a dia. O mundo se lamenta pela morte de milhares pessoas inocentes.*

Hoje, como ontem, a destruição e a violência fazem parte do cotidiano do povo. No tempo de Oséias, as pequenas aldeias camponesas sofriam muito com a *prostituição* dos grupos dominantes, que, não se importando com a vida das famílias, com os valores das casas israelitas, como a terra e a natureza, praticavam a corrupção e a violência, ávidos por lucro e poder: *perjúrio e mentira, assassinio e roubo, adultério e violência, e o sangue derramado soma-se ao sangue derramado. Por isso, a terra se lamentará...* (4,2-3). É com o pé nesse chão que queremos dialogar com a comunidade de Oséias.

1. OSÉIAS

Palavra de Javé dirigida a Oséias, filho de Beerí, no tempo de Ozias, Joatão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, enquanto Jeroboão, filho de Joá, era rei de Israel (Os 1,1).

O profeta Oséias exerce o seu ministério no Reino do Norte, Israel, também chamado de Efraim pelo profeta. A sua profecia tem início no final do reinado de Jeroboão II (783-743 a.C.) e vai até um pouco antes da invasão dos assírios, em 722 a.C. (Os 1,1). O nome Oséias, que quer dizer *Javé salva*, é significativo, pois ele apresenta um projeto de reorganização da sociedade por meio de estruturas justas e solidárias.

Temos poucos dados biográficos a respeito de Oséias. No livro aparece apenas o nome de seu pai, Beerí, cujo sentido é *meu povo*, mas não há referencial histórico. Alguns acreditam que ele seja membro, ou até mesmo dirigente, de uma comunidade profética levita do campo. Ao denunciar o desvio da nação e exortá-la à conversão, o profeta faz comparações típicas de um camponês: *Por isso, eles se tornarão como neblina da manhã, como orvalho que logo cedo se evapora; ou como palha que a gente varre do terreiro ou fumaça que sai pela janela* (Os 13,3; cf. 6,3; 9,11; 10,1).

Além das imagens da natureza, o modo de falar de Oséias é o do cotidiano de camponesas e camponeses. Ele usa expressões ligadas à cozinha, às crianças, à gestação e ao nascimento. A terra, termo que ocorre cerca de 18 vezes no livro (5 vezes com sentido de *país*), é a fonte de sua existência. A linguagem e a crítica do profeta nos leva a situá-lo no contexto das lutas de resistência das aldeias de Israel, formadas por pequenas famílias camponesas, que trabalham com a terra e vivem cercadas pela natureza.

2. ALDEIAS DE ISRAEL

Israel, o Reino do Norte, é favorecido por sua localização geográfica. Uma região muito fértil. Produz diversos tipos de cereais, vinho, azeite de oliva, frutas, castanhas. Há grandes rebanhos na região (Am 4,1) e abundante produção de mel. Existem árvores e flores de muitas espécies. A pesca garante o sustento de muitas pessoas. A base da economia é agrária e, inicialmente, diversificada em vista da subsistência da casa.

No Antigo Israel, a casa é a principal organização social nas aldeias. É uma instituição que pode designar a família próxima, os parentes no sentido mais amplo, toda a nação ou apenas um grupo. Uma casa é formada por pessoas ligadas por vínculos de parentesco, agrupando várias gerações: pai, mãe,

filhos, filhas, noras, mulheres solteiras, tios, sobrinhos, netos. Além dos parentes, existem outras pessoas, como servas e servos, estrangeiras/os, viúvas e pessoas contratadas. Trata-se de uma família ampliada, com muitos membros. Algumas casas chegam a ter de cinqüenta a oitenta pessoas.

Na casa há fortes laços de solidariedade. O trabalho e seus frutos são partilhados entre todas as pessoas que fazem parte da casa (cf. 1Sm 1,4-5). O cuidado com a terra pertence ao homem; a mulher assume a responsabilidade de preparar a comida, buscar água, lenha, cuidar dos rebanhos, além de outras funções, como a tecelagem, o trabalho com o couro e a cerâmica. Uma vez que o trabalho é distribuído de maneira igualitária, sobra mais tempo para a convivência humana, as festas e outras diversões (cf. Jz 21,19-22).

As lições de vida são transmitidas de pais para filhos e netos (Sl 78,1-4). A terra é propriedade coletiva. É herança e normalmente contém o túmulo da família (Js 24,30.32; 1Sm 25,1). Isso cria vínculos sagrados com a terra, impedindo a sua venda (1Rs 21,3). Existe uma relação de proteção e ajuda mútua na casa. Pertencer a uma casa faz parte da identidade da pessoa. É a sua referência principal. A casa representa a vida. Defender a casa faz parte da aliança com o Deus da vida!

Com a consolidação da monarquia, pouco a pouco, o Estado passa a controlar e a explorar as aldeias e chega até a apoderar-se das terras das pequenas famílias camponesas (1Sm 8,10-18). O rei e as elites dirigentes se voltam para o comércio com as nações estrangeiras, a fim de obterem lucros. A necessidade de aumentar a exportação de produtos agrícolas para fazer frente aos artigos de luxo e aos armamentos que desejam importar, exige a formação de grandes latifúndios, com o cultivo de um ou dois produtos em grande quantidade. Além disso, a forte tributação sobre as aldeias camponesas leva as famílias ao endividamento e, conseqüentemente, à perda da terra (Am 2,6-7).

Uma forma eficaz de cobrar tributos é o uso da religião do povo. Os sacerdotes e os agentes do Estado se apropriam da religião do povo e a colocam a serviço dos seus interesses, incentivando inúmeros rituais de fertilidade para garantir a fecundidade do solo, das plantas, dos animais e das famílias: *Efraim multiplicou os altares para fazer expiação, mas os altares foram para ele ocasião de pecar* (Os 8,11).

A situação se agrava ainda mais após a morte de Jeroboão II e a retomada da Assíria, com Telgat Falasar III (745-727 a.C.). Israel vive um período de guerras constantes. Entre 743-722 a.C., seis reis ocupam o trono de Israel, dentre os quais quatro são violentamente assassinados. A guerra siro-efraimita entre 734-732 a.C. acaba com a vida no país (Os 5,8-12). No dia-a-

dia, as pessoas vêem suas plantações sendo devastadas, a violência tomando conta da cidade e do campo, o exército saqueando, estuprando e matando... A vida está se extinguindo aos poucos (Os 7,1-7). Sob essa luz queremos ler Os 4,1-3.

3. SANGUE DERRAMADO

Oséias 4,1-3 é uma introdução geral à segunda parte do livro, que vai de 4,1 a 11,11, no qual Javé move um grande processo contra os habitantes de Israel por causa de seus crimes. Processo é um termo jurídico que diz respeito à cobrança de um direito. Não é uma simples acusação, mas uma verdadeira contenda (Mq 6,2; Jr 2,9). Nos versos de Os 4,1-3, aparecem a abertura do processo legal, o resumo das acusações e a sentença final:

- a) Abertura do processo: v. 1a. Inicia com uma fórmula de proclamação profética: *Ouçam a palavra de Javé, filhos de Israel.*
- b) Acusação: v. 1b. *Javé abre um processo contra os moradores do país, pois não há fidelidade, nem amor, nem conhecimento de Deus.*
- c) Prova: v. 2. *Há juramento falso e mentira, assassinio e roubo, adultério e violência; sangue derramado soma-se a sangue derramado.*
- d) Julgamento/sentença: v. 3. *Por isso, a terra geme e seus moradores desfalecem; as feras, aves do céu e até peixes do mar estão desaparecendo.*

A acusação é a de que não há fidelidade, amor e conhecimento. Essas palavras expressam as atitudes fundamentais da aliança com Javé. Na aliança, a fidelidade revela o sentido da responsabilidade na relação entre uma pessoa e outra (Gn 24,49; 47,29; Ex 18,21; Js 2,12.14; 1Sm 12,24). Após a morte de Jeroboão II e o crescimento da Assíria no cenário internacional, a situação muda em Israel. Surgem dois grupos disputando o poder: um é favorável à política de aliança com a Assíria e o outro é contra. Isso gera uma grande instabilidade política, com golpes e assassinatos na casa real. Os reis e seus partidários preocupam-se apenas em manter o seu poder, agindo de maneira corrupta, fortalecendo cada vez mais o exército e rompendo a aliança com o Deus da vida (7,1-12).

O amor exprime o sentido da amizade, da bondade e da gratidão pelos dons de Javé em favor do povo da aliança, e liga-se, especialmente, à prática da justiça (Ex 34,6; Jr 9,23; Sl 36,8). Mas, no dia-a-dia, as famílias são exploradas e perdem suas terras por imposição daqueles que só se importam em manter a aliança com a Assíria e garantir o lucro proveniente do co-

mércio internacional: *Efraim é uma pomba ingênua, sem inteligência: pedem ajuda ao Egito, vão à Assíria* (Os 7,11). A terra é considerada dom de Deus, por isso constitui crime vendê-la ou comprá-la (cf. 1Rs 21).

O conhecimento de Deus (Os 4,1.6; 6,6; Pr 2,5) está ligado ao reconhecimento da presença de Javé nos acontecimentos da história (Os 13,4). Por isso, para Oséias, conhecer a Javé é praticar a justiça, exercer o direito e julgar a causa do pobre e do necessitado (Is 58,2). Este critério é mais importante do que os holocaustos (Os 6,6).

Mas, onde não há conhecimento de Deus, resta para o povo e a natureza somente a destruição (Os 4,6). Para Oséias, há uma interdependência entre a relação com Deus e a relação com a terra, seus habitantes e toda a criação. Por isso, a gravidade dos crimes denunciados se expressa como violação dos mandamentos de Deus, coração da aliança:

- Juramento falso: *Não pronuncie em vão o nome de Javé seu Deus...* (Ex 20,7; Dt 5,11);
- Mentira: *Não apresente um testemunho falso contra o seu próximo* (Ex 20,16; Dt 5,20);
- Assassínio: *Não mate* (Ex 20,13; Dt 5,17);
- Roubo: *Não roube* (Ex 20,15; Dt 5,19);
- Adulterio: *Não cometa adultério* (Ex 20,14; Dt 5,18).

A profecia de Oséias, herdeira da memória tribal, recorda os tempos em que a fé em Javé correspondia à experiência de uma vida comunitária baseada na justiça, solidariedade e partilha (cf. Sl 133). Com a imposição da monarquia em Israel mudam os valores e a prática social, quebrando a aliança com Javé, o Deus da vida: *Toda a sua maldição foi Guilgal. Foi lá que eu comecei a detestá-lo. Por causa da perversidade de seus atos, vou expulsá-los de minha casa. Não os amarei mais! Todos os seus príncipes são rebeldes* (Os 9,15; cf. Os 8,4).

Para expressar a violência social e o afastamento de Deus, Oséias usa a imagem do *sangue derramado soma-se a sangue derramado*. É um jeito forte para falar da morte de gente inocente pela ação institucionalizada do Estado, que invade a casa das famílias e confisca filhos, produtos e, muitas vezes, a própria terra (Os 7,1). No contexto de Oséias, a palavra sangue, em hebraico *dam*, indica o derramamento provocado por violência, assassinio, destruição e guerras (Os 1,4). A violência com sangue, aos olhos dos profetas, é o pior dos crimes, a pior agressão contra Deus. Tal crime requer a pena da morte: *Efraim irritou Javé amargamente, e seu Senhor descarregará sobre ele o sangue derramado e lhe retribuirá o ultraje* (Os 12,15).

Segundo Oséias, os sacerdotes e os seus aliados são os principais responsáveis pela *falta de conhecimento* do povo: *Eu*

levanto acusação contra você, sacerdote! O meu povo está morrendo por falta de conhecimento. Porque você rejeita o conhecimento (Os 4,4.6) Os sacerdotes são os que, por meio da religião, justificam a corrupção e tirania do Estado. Suas ações deixam um rastro de sangue do começo ao fim do processo instaurado por Javé (Os 4,4).

No v. 3 aparece a sentença final do processo por causa da falta de conhecimento de Deus: *Por isso a terra geme e seus moradores desfalecem; as feras, aves do céu e até peixes do mar estão desaparecendo*. A terra está seca, devastada, vazia e sem vida. Este é o retrato das ações criminosas em Israel: alianças internacionais inescrupulosas, corrupção e mentira nos contratos comerciais, injustiça na cobrança dos tributos, guerras, assassinatos de reis, sacerdócio vil... O universo e seus habitantes padecem juntos, igualados na mesma condição de ruína e morte (cf. Jr 4,23-28).

Os sinais de destruição estão estampados em todos os cantos da terra. As constantes guerras provocam devastação nos campos. Exigem o recrutamento de homens para o exército. As mulheres são forçadas a assumir trabalhos domésticos na corte e nos santuários. Não há quem cuide da casa, das lavouras e da natureza. No contexto de Oséias, os principais conflitos e as guerras são provocados pela política da Assíria com Teglat Falasar, que acaba engolindo os países vizinhos. Vejamos mais de perto as estratégicas do grande império e sua violência.

4. O MAR DE VIOLÊNCIA

A política de Teglat Falasar III tem a finalidade de aniquilar a autonomia política dos pequenos estados e anexá-los à estrutura de províncias assírias. Esse sistema é conhecido como política de vassalagem, ou seja, um relacionamento de submissão e dependência. O processo de vassalagem é realizado em três etapas, mas nem sempre um estado-vassalo passa por todas as etapas, podendo ir da primeira para a terceira. Vejamos uma breve descrição:

- *Primeira etapa*: O rei estabelece um relacionamento de vassalagem por meio de ocupação militar: impõe tributos regulares e exige que o estado-vassalo lhe forneça tropas auxiliares.
- *Segunda etapa*: Se o estado-vassalo se rebela, há a imediata intervenção militar, eliminação do rei-vassalo e colocação de um rei pró-assíria. Nessa fase, acontece também a tomada de algumas cidades estratégicas e de terras férteis, o aumento da pressão militar sobre o estado-

vassalo, a deportação das principais lideranças para desmobilizar os grupos rebeldes, a elevação dos tributos e o controle maior da política externa.

- *Terceira etapa*: A ocupação militar definitiva, com a eliminação do rei-vassalo, o aniquilamento da autonomia política do Estado e o estabelecimento de uma província assíria com administrador e funcionários assírios. Há também outras medidas complementares: construção de novas fortalezas, instalação de colônias militares, deportação da elite nativa e assentamento forçado de uma elite estrangeira. O objetivo é impedir a reorganização ou qualquer reação política.

Desde 738 a.C., Israel e Síria entram na primeira etapa de vassalagem: são obrigados a pagar tributo à Assíria. Em 734-732 a.C., acontece a guerra siro-efraimita. Nessa época, Judá pede a ajuda da Assíria contra a invasão dos estados aliados. Teglat Falasar III socorre prontamente. Em troca, o reino do Sul entra na primeira etapa de vassalagem. Em 732 a.C., grande parte do território do norte é tomada e uma parte da população é deportada. Israel entra na segunda etapa da vassalagem. A Síria não tem a mesma sorte. O seu rei é executado, uma parte da população é deportada e o território é transformado em província assíria. A Síria entra direto na terceira etapa de vassalagem.

Em 724 a.C., o rei Oséias deixa de pagar tributo à Assíria e faz aliança com o Egito (2Rs 17,4). Em represália, o rei da Assíria aprisiona o rei de Israel e, alguns anos depois, em 722 a.C., a Samaria é invadida e transformada em província assíria, a elite é deportada e substituída por uma elite estrangeira (2Rs 17,24), ficando apenas a população camponesa local. Esta é a terceira etapa de vassalagem.

Olhando o interior do Reino do Norte ao longo desses 20 anos, a política da vassalagem da Assíria provoca muitas disputas, golpes e assassinatos entre os reis de Israel, divididos entre posicionamentos mais ou menos favoráveis à Assíria. A economia voltada para o mercado desestrutura a agricultura familiar de subsistência, sobrecarregando-a com alta tributação. O resultado: dívidas, fome e crescente desapropriação das terras (Am 2,6). Dominação externa e corrupção interna: *O ladrão invade a casa, enquanto, do lado de fora, uma quadrilha assalta* (Os 7,1b).

Por causa das constantes guerras e das políticas abusivas do Estado, a casa é invadida e a terra é arrasada. A presença do exército nas aldeias é ostensiva e cruel. É ele que garante a extorsão de produtos, recruta homens e mulheres, deixando o campo sem trabalhadores e sem cuidado, e reprime as insatisfações e revoltas pela força das armas. Os Anais dos reis da

Assíria mencionam incansavelmente cidades destruídas, demolidas e queimadas — reduzidas a entulho. A violência contra as mulheres era muito intensa. Essa era também a regra das guerras bíblicas: *Samaria vai pagar, pois revoltou-se contra o seu Deus: cairão sob a espada, os seus filhos serão esmagados e suas mulheres grávidas terão seus ventres rasgados* (Os 14,1).

O tratamento infligido aos vencidos é bárbaro: pisoteio e morte (Js 10,24-26); mutilação dos polegares das mãos e dos pés (Jz 1,6); decapitação dos chefes (Jz 7,25); massacre de todos os machos (Dt 20,12-13). Oséias nos conta sobre o ataque do rei moabita, contemporâneo de Teglat-Falasar III, na tomada de Galaad: *Levantar-se-á um tumulto em teu povo, e todas as tuas fortalezas serão destruídas, como Sálmana devastou Bet-Arbel no dia do combate, quando a mãe foi esmagada sobre os filhos* (Os 10,14).

A realidade das guerras e as brutalidades cometidas pelo exército demonstram a violência institucionalizada do Estado atingindo o cotidiano das famílias: *não há mais nascimento, não há mais gravidez, não há mais concepções. Mesmo que eles criem seus filhos, eu os privarei deles antes que sejam homens* (Os 9,11.12); *ainda que eles gerem filhos, farei morrer o fruto querido do seu seio* (Os 9,16).

Mas esse não é o fim. Em meio a uma situação desesperadora, um grupo tem coragem de soltar sua voz profética. A comunidade de Oséias grita contra as autoridades de seu tempo: *Quando eu estou para curar Israel, aparece a culpa de Efraim e a maldade de Samaria, pois essa gente só pratica a mentira. O ladrão invade a casa, enquanto, do lado de fora, uma quadrilha assalta* (Os 7,1). No contexto político, econômico e religioso do VIII século a.C., a profecia de Oséias se insurge contra a ordem estabelecida. Os camponeses das pequenas aldeias ousam sonhar e acreditar na vida e na verdadeira paz na terra. Aprendem com a natureza valores e práticas de relações humanas e sociais ternas, respeitadas, sagradas: *Israel era uma parreira exuberante que produzia uvas com fartura* (Os10,1); *A honra de Efraim voará como pássaro* (Os 9,11).

5. A PAZ DEVE REINAR...

A maneira como as pessoas se relacionam com a natureza diz muito sobre a maneira como se relacionam umas com as outras, consigo mesmas e com Deus. Revela solidariedade, ou egoísmo. Simplicidade, ou prepotência. Harmonia, ou violência. Vida, ou morte.

Na Bíblia encontramos vários textos que fazem referência ao relacionamento entre o povo de Israel e a natureza. Certa-

mente, os diversos grupos que deixaram suas memórias registradas na Bíblia não pensavam, como nós, em termos de *ecologia*. Mas, olhando para sua vivência e sua maneira de falar, podemos notar critérios de comportamento que despertam nossa consciência e nos ajudam a pensar nossas relações hoje. Vejamos algumas.

No relato da criação (Gn 1-3) aparecem imagens sobre a origem do universo e da humanidade criados por Deus em perfeita harmonia: *E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom* (Gn 1,31a). Sol, lua, estrelas, águas, terras, animais, plantas, mulher e homem... são criados em condições de igualdade e interdependência. O ser humano não é criado como o centro do universo; ele é apenas uma parte de um conjunto maior, cabendo-lhe cuidar de seu equilíbrio com respeito e ternura. A mulher e o homem são os jardineiros da criação. Pois a natureza é criada para a vida: *Que Deus dê a você o orvalho do céu e a fertilidade da terra, trigo e vinho em abundância* (Gn 27,28).

Mas no relato das águas do dilúvio já encontramos a imagem da destruição da criação: *farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei — e com os homens os animais, os répteis e as aves do céu* (Gn 6,7), por causa da maldade dos seres humanos (Gn 6,5). Aquilo que acontece com o ser humano acontece igualmente com a natureza. Isso expressa a consciência de que a ação humana pode causar grandes danos à natureza e à própria humanidade. Parece haver uma unidade vital entre uma e outra.

Na tentativa de impor limites à ação humana destrutiva e promover o cuidado e o equilíbrio na relação entre o povo e a terra, Israel, ao longo de sua história, elabora leis de preservação da vida e da liberdade. Uma delas é a lei do descanso da terra, que mais tarde é estendida aos pobres, adquirindo sentido social: *Você, durante seis anos, semeará a terra e fará a colheita. No sétimo ano, porém, deixe a terra em descanso e não a cultive, para que os necessitados do povo encontrem o que comer. E os animais do campo comerão o que sobrar. Faça o mesmo com sua vinha e com seu olival. Durante seis dias, faça seus trabalhos e descanse no sétimo dia, para que seu boi e seu jumento descansem, e o filho de sua escrava e o imigrante se refaçam* (Ex 23,10-12).

O cuidado cotidiano com a terra cria sensibilidade para com a irmã, o irmão. A solidariedade e a partilha dos frutos do trabalho durante o período tribal, por exemplo, constituem a possibilidade concreta de uma vida digna e justa para as famílias: *Quando entrares na vinha do teu próximo poderás comer à vontade, até ficares saciado, mas nada carregues em teu cesto.*

Quando entrares na plantação do teu próximo poderás colher as espigas com a mão, mas não passes a foice na plantação do teu próximo (Dt 23,25-26).

Com a intervenção do Estado no campo, a terra, cada vez mais, torna-se produto comercial e militar (Mq 2,2). Então grupos proféticos levantam sua voz e denunciam os crimes por meio de imagens de uma terra desolada: *Acabarei com os homens e animais, acabarei com as aves do céu e os peixes do mar (Sf 1,3a)*. A injustiça e a violência atingem os seres humanos e a natureza. A devastação da terra é sinal da destruição da própria humanidade.

Como podemos salvar a casa, as aldeias, a terra, a natureza? Oséias 2,20 fala de uma aliança entre Javé e os animais em benefício do seu povo: *Neste dia, farei em favor deles uma aliança com as feras, com as aves do céu e com os répteis da terra*. É uma contraposição ao castigo de Os 2,14, onde as plantações foram transformadas em matagal e entregues como alimento às feras (Os 1,3a). A aliança permitirá que a pessoa conviva em paz com a natureza. Para que haja paz, o grupo profético, colocando a promessa na boca de Javé, propõe a desmilitarização: *Eliminarei da terra o arco, a espada e a guerra (Os 2,20)*.

Mas não basta somente acabar com a arma e a guerra. É necessário ter a consciência de que a guerra e a violência não salvam a humanidade: *Não lhes darei a salvação, nem pelo arco, nem pela espada ou guerra, nem pelos cavalos ou cavaleiros (Os 1,7b)*. A verdadeira paz consiste na aliança e no conhecimento do Deus da vida e de seu projeto de um mundo justo e solidário: *Eu me casarei com você para sempre, me casarei com você na justiça e no direito, no amor e na ternura (Os 2,21)*.

Como adesão a esse projeto podemos encontrar uma pequena semente da Paz numa experiência dos camponeses. É a própria terra que ensina aos seres humanos novas maneiras de relacionamento: *De suas espadas vão fazer enxadas, e de suas lanças farão foices (Mq 4,3)*. O contato com a terra reeduca as pessoas, fazendo-as transformar armas de guerra em instrumentos de trabalho. A partir dessa mudança de mentalidade e de comportamento, cada uma e cada um podem, então, sentar-se debaixo de sua vinha, de sua figueira, sem que ninguém os incomode (Mq 4,4), o lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá o capim junto com o boi (Is 65,25).

Tudo isso nos revela que, na compreensão bíblica, a harmonia original, a nova criação se realiza quando natureza e sociedade caminham de mãos dadas, em diálogo profundo e acolhedor. Assim, como o livro de Oséias relata: *Eu (Javé) serei como orvalho para Israel (14,6)*. Orvalho, água, terra, plantas,

peixes, animais, tudo se faz sinal da presença gratuita do sagra-
do no meio de nós.

Ainda hoje temos o desafio de reatar nosso elo vital com a natureza e construir uma sociedade justa. E falar em *harmonia original* é algo bem concreto. Por exemplo, os cientistas afirmam que a produção de alimentos no mundo é capaz de saciar a fome de toda a população do planeta, mas por que a miséria atual é maior do que há 10 anos? É que falar de ecologia significa ter de enfrentar questões graves como a distribuição de riquezas, a relação entre países ricos e pobres, a relação interna nos países... Exige mudar padrões de consumo e de produção, a fim de que *todas* as pessoas tenham acesso ao necessário para viver.

Há uma urgência de abreviar a crise de distribuição de riqueza no Brasil: *De acordo com os dados da ONU, os 10% mais ricos do Brasil concentram 46,9% da renda nacional. Em contraste, os 10% mais pobres ficam com 0,7%. Trata-se de uma situação extremamente grave, que caracteriza a existência de dois 'países' radicalmente distintos dentro de um só.*¹

Experiências cotidianas de solidariedade e partilha podem nos ajudar a sair do isolamento pessoal e a assumir uma nova maneira de pensar e agir. Reeducação da sensibilidade, da consciência e dos hábitos. Reeducação do olhar, a fim de vermos os desafios que se apresentam em nossos dias, mas também as novas possibilidades de relação para o planeta.

¹ SEMPRE DESIGUAL. *Folha de São Paulo*, 10.9.2005, p. A2, 1 col.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BRENNER, A. (Ed.), *Profetas a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo, Paulinas, 2002.
- GARMUS, L., O Imperialismo: estrutura de dominação. Em *RIBLA*, 3 (1989) pp. 7-20.
- MARQUES, M. A. – NAKANOSE, S., *No amor e na ternura, a vida renasce*. São Paulo, Paulus, 2005.
- PAULA PEDRO, E. de – NAKANOSE, S., *Como ler o Livro de Oséias: reconstruir a casa*. São Paulo, Paulus, 1995.
- SAMPAIO, T. M. V., *Movimento do corpo prostituído da mulher: aproximações da profecia atribuída a Oséias*. São Paulo, UMEESP/Loyola, 1999.
- STUART, D. Hosea – Jonah. Em HUBBARD D. A. – BARKER, G. W. (Eds.), *Word Biblical Commentary*. Waco, Word Books, 1987, vol. 31, pp. 1-220.
- YEE, G. A., The Book of Hosea: Introduction, Commentary, and Reflections. Em KECK L. E. (Ed.). *The New Interpreter's Bible: Commentary in twelve volumes*. Nashville, Abingdon Press, 1996, vol. 7, pp. 195-297.